



Revista Brasileira de História  
ISSN: 0102-0188  
rbh@edu.usp.br  
Associação Nacional de História  
Brasil

Valim Mansan, Jaime  
Viñas, Ángel (Ed.) En el combate por la historia: la República, la guerra civil, el franquismo  
Revista Brasileira de História, vol. 33, núm. 65, 2013, pp. 435-439  
Associação Nacional de História  
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26327840020>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Viñas, Ángel (Ed.)  
***En el combate por la historia:  
la República, la guerra civil, el franquismo***

Jaime Valim Mansan\*

Barcelona: Pasado & Presente, 2012. 978p.

Em meados de 2011 vieram a lume na Espanha os primeiros 25 volumes do *Diccionario Biográfico Español*, cujo projeto prevê cinquenta volumes, cada um com 850 páginas. Até agora foram concluídos 36 volumes. Segundo o sítio da *Real Academia de la Historia* (RAH), organizadora da obra, deverão ser abordados mais de 40 mil “*personajes destacados en todos los ámbitos del desarrollo humano y en todas las épocas de la historia hispana*”. Para viabilizar a publicação, o erário público espanhol já pagou 6,4 milhões de euros (*El país*, 27 maio 2011). Como comparação, estimou-se em 3 milhões de euros a construção de um bairro popular, com cem casas, destinado aos moradores despejados no início de outubro de 2012 de *El Gallinero*, a parte mais pobre de um dos maiores *poblados chabolistas* da Espanha, na periferia de Madrid (20 minutos, 9 out. 2012).

O *Diccionario* teve, portanto, um custo muito elevado, sobretudo considerando a conjuntura econômica pela qual o país tem passado nos últimos anos. No mínimo, teria um conteúdo de altíssimo nível. Contudo, a obra tem sido alvo de severas críticas, oriundas de diversos segmentos sociais. Na imprensa, pouco depois do lançamento, um dos principais questionamentos referia-se à ausência de referências à repressão franquista (*Público*, 28 maio 2011). Isso e a qualificação da guerra civil como *cruzada* ou *guerra de liberación*, dentre outros aspectos, constituem fortes indícios da pertinência das críticas ao dicionário (*Público*, 2 jun. 2011).

Ainda em meados de 2011, o Senado solicitou à RAH que paralisasse a distribuição, enquanto o Congresso decidia o congelamento das

---

\*Doutorando, bolsista Capes. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Av. Ipiranga, 6681, Partenon. 90619-900 Porto Alegre – RS – Brasil. jaimemansan@gmail.com

verbas destinadas à academia até que o dicionário sofresse correções, situação posteriormente revertida pelo governo (*El País*, 12 jul. 2011). Desde então, muito se discutiu a respeito da polêmica obra, que conta com irrestrito apoio do presidente espanhol Mariano Rajoy e de seu partido, o conservador Partido Popular.

No meio acadêmico, a reação mais notável foi a publicação de *En el combate por la historia*, no início de 2012. Organizado por Ángel Viñas, renomado historiador espanhol especialista nos estudos sobre a guerra civil e o franquismo, o livro foi elaborado com a assumida intenção de ser um *contradicionario*. De fato o é, mas adota outra forma narrativa e restringe sua análise ao período 1931-1975, enquanto o *Diccionario* ambiciosamente busca abranger do século III a.C. aos dias atuais. Na visão dos autores de *En el combate*, a maioria dos biografados mais *desfigurados* pela obra da RAH vinculava-se ao período compreendido entre o surgimento da Segunda República e a morte de Franco, daí a escolha do recorte temporal.

Obra coletiva, *En el combate por la historia* contou com a participação de vários especialistas no estudo daqueles períodos da história da Espanha. Como escreve Viñas na apresentação, mobilizando conhecido ditado espanhol, “*si bien no están todos los que son, sí son todos los que están*”. Nomes internacionalmente conhecidos, como Josep Fontana, Julio Aróstegui, Paul Preston, Julián Casanova e o próprio Viñas, entre outros, assim como jovens investigadores cujos trabalhos já alcançaram reconhecimento entre pesquisadores europeus da área. É o caso, por exemplo, de Gutmaro Gómez Bravo e Jorge Marco. Alguns de seus livros, como *El exílio interior*, de Gómez Bravo, e *Hijos de una guerra*, de Marco, são hoje referências obrigatórias sobre o franquismo.<sup>1</sup>

Com um título que faz clara referência ao clássico de Lucien Febvre, *En el combate por la historia* inicia com apresentação de Viñas explicando o sentido da obra e as condições de sua produção. Na sequência, há um texto de José-Carlos Mainer, historiador especialista na “*edad de plata de la literatura española*”. Voltado para a longa duração, oferece uma reflexão sobre rupturas e continuidades nas relações entre cultura e política na Espanha do século XX.

O livro foi organizado em quatro partes. Três delas são indicadas no subtítulo: República, guerra civil e franquismo.

O primeiro texto sobre a República é chave para sua compreensão. Nele, Preston aborda as transformações nas relações de força estabelecidas naquele

período. Os capítulos seguintes aprofundam a análise de alguns dos principais grupos envolvidos naquelas conflituosas relações: Frente Popular, direitas, socialistas e anarquistas. Robledo trata da reforma agrária, “*una de las señas de identidad del nuevo régimen*”.

A segunda parte da obra, voltada para a guerra civil, é a maior em número de capítulos (vinte). São abordados temas como a sublevação militar de 1936, a atuação das Brigadas Internacionais e da Igreja Católica e os exílios de republicanos, entre outros. Destacam-se as sínteses das atuações do Exército Franquista e do Exército Popular apresentadas, respectivamente, por Losada e Rojo. Aróstegui e Casanova retomam a análise do socialismo e do anarquismo, temas tratados por eles na primeira parte do livro, enquanto Hernández Sánchez faz reflexão semelhante sobre os comunistas.

O terceiro conjunto de textos destina-se à análise do franquismo. Sánchez Recio faz uma discussão fundamental sobre o processo de institucionalização do regime. Vários outros temas são abordados: nacional-catolicismo, Falange, política repressiva, política exterior, o apoio da *División Azul* à luta nazista contra os soviéticos, a resistência armada ao franquismo, as transformações econômicas, o *desarrollismo*. A reflexão sobre o *tardofranquismo*, feita por Isàs, lança valiosas luzes sobre a história da transição.

A quarta parte, “*Los grandes actores*”, é o ponto em que a proposta de ser um *contradicionario* se torna mais evidente. “*Un contrapunto al Diccionario Biográfico Español*”, nas palavras de Viñas. Mais uma vez, o organizador refere-se ao ditado espanhol anteriormente citado, desta vez para aclarar o critério de seleção dos treze *grandes actores*: José Antonio Aguirre Lekube, lendário dirigente basco; Manuel Azaña, líder republicano, presidente da República de 1936 a 1939; Ramón Serrano Suñer, falangista, cunhado de Franco, figura de destaque da direita desde a República até o primeiro franquismo e principal interlocutor com Hitler e Mussolini até 1942; Lluís Companys i Jover, importante dirigente catalão; Dolores Ibárruri (*Pasionaria*) e Santiago Carrillo, dois dos maiores nomes do comunismo espanhol; Francisco Largo Caballero, dirigente socialista vinculado à central sindical UGT (*Unión General de Trabajadores*) e ao *Partido Obrero* (depois PSOE, *Partido Socialista Obrero Español*) desde fins do século XIX; Emilio Moral, militar conspirador que, segundo Losada, foi *el gran urdidor, artífice y organizador* do fracassado golpe de 1936; Juan Negrín, importante liderança socialista, chefe de governo da República

durante a maior parte da guerra civil e figura extremamente controvertida, expulso do PSOE em 1946 sob a injusta acusação de ter sido *el instrumento de Stalin en España*; Indalecio Prieto, outro nome de peso do socialismo espanhol; Vicente Rojo Lluch, militar republicano que liderou a defesa de Madri durante a guerra civil; José Antonio Primo de Rivera, um dos fundadores da *Falange Española*, filho do general que havia sido ditador entre 1923 e 1930; e, é claro, Francisco Franco, cuja trajetória é por Preston sintetizada com maestria.

O capítulo sobre Rojo, escrito por um neto do general, o sociólogo e jornalista José Andrés Rojo, é uma exceção dentre os textos que compõem o livro, não pela formação do autor, mas por seu vínculo familiar. A escolha de José Rojo provavelmente deveu-se não ao parentesco, mas ao fato de ter publicado diversos estudos sobre o tema desde 1974, particularmente *Vicente Rojo: retrato de um general republicano* (Barcelona: Tusquets, 2006). É plausível o questionamento sobre até que ponto escrever sobre o próprio avô não levaria a um abrandamento da crítica e a uma ênfase no elogio. A leitura dos apontamentos biográficos sobre o general Rojo mostra que seu neto conseguiu evitar tais armadilhas.

Fecha o livro um epílogo composto por um texto de Reig Tapia e outro dele com Viñas, ambos voltados para as permanências, para os ‘resíduos’ e ‘derivações’ do franquismo.

Como observa Viñas, o livro privilegia os “*aspectos políticos, institucionales, culturales y militares*”. Tratava-se de constituir um *contradiccionario* e, para os autores, naqueles aspectos “*las controversias públicas son más intensas y muchas de las entradas del diccionario de la RAH más sesgadas o erróneas*”.

Entre historiadores, definir uma obra como ‘revisionista’ é uma forma de desqualificá-la. Se há abusos no uso do termo, isso não significa que deva ser abandonado. Poder-se-ia argumentar que, por ser a revisão inerente ao ofício do historiador, toda história seria revisionista. O erro aqui estaria em definir o revisionismo pela revisão, pura e simples. Revisionismo é um *tipo* de revisão, aquela que se faz sem bases documentais consistentes, sem levar em conta princípios historiográficos básicos, escolhendo estudos e fontes convenientes à sustentação de um argumento e desconsiderando os demais. O revisionismo é uma falsificação da história. Faurisson é um de seus representantes mais conhecidos, e o dicionário da RAH, ao que tudo indica, é o mais recente exemplar dessa literatura.

*En el combate por la historia* surge como demonstração de que é possível enfrentar os revisionismos de maneira consistente, com argumentos sólidos e ampla documentação. Seus autores são exemplos do que Bedáridá definiu como ‘historiador *expert*’, um tipo de profissional tão raro quanto necessário nos dias atuais.

## NOTA

<sup>1</sup> Lista completa dos autores: ARÓSTEGUI, Julio; BARCIELA, Carlos; CASANOVA, Julián; COLLADO SEIDEL, Carlos; EIROA, Matilde; ELORZA, Antonio; ESPINOSA, Francisco; FONTANA LÁZARO, Josep; GALLEGU, Ferran; GÓMES BRAVO, Gutmato; GONZÁLEZ CALLEJA, Eduardo; HERNÁNDEZ SÁNCHEZ, Fernando; LEDESMA, José Luis; LOSADA MALVARÉZ, Juan Carlos; MAINER, José-Carlos; MARCO, Jorge; MARTÍN, José Luis; MEES, Ludger; MIRALLES, Ricardo; MORADIELLOS, Enrique; MORENO JULIÀ, Xavier; PEREIRA, Juan Carlos; PRESTON, Paul; PUELL DE LA VILLA, Fernando; PUIGSECH FARRÀS, Josep; RAGUER I SUÑER, Hilari; REIG TAPIA, Alberto; ROBLEDO, Ricardo; ROJO, José Andrés; SÁNCHEZ CERVELLÓ, Josep; SÁNCHEZ RECIO, Glicerio; THOMÀS, Joan Maria; VINAS, Ángel, e YSÀS, Pere.